

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1976

A. TOVAR e José Maria BLÁZQUEZ, *Historia de la Hispania Romana*, Alianza Editorial, Madrid, 1975, 383 p.

Editado como livro de bolso, o presente volume tem subtítulo esclarecedor do seu âmbito cronológico: «A Península Ibérica desde 218 a.C. até ao séc. v».

Divide-se em quatro partes: a conquista romana (por A. Tovar); a romanização (com temas versados por um e por outro dos autores); as religiões pagãs, o Cristianismo (de Blázquez); economia e sociedade (de Blázquez Martínez também).

Embora o prólogo, datado de Setembro de 1974, não nos elucide concretamente sobre os objectivos da obra — «Cremos ir ao encontro da cultura em nossa língua, com este livro que apresenta aos leitores do nosso tempo o processo da romanização, determinante de modo decisivo da ulterior história da nossa Península» — o seu carácter de livro de bolso leva-nos a supor que se destina ao grande público, sem, no entanto, esquecer o estudante universitário dum curso de História e o especialista, a quem são indicadas importantes pistas de trabalho, quer através dos dados resultantes da investigação empreendida pelos autores (figuras sobejamente conhecidas da historiografia romana peninsular) quer através da bibliografia por assuntos apresentada no final do volume (p. 355-369).

O interesse desta *Historia de la Hispania Romana*, por incluir as mais recentes perspectivas históricas, não pode, pois, deixar de ser posto em realce, pois vem permitir oportuno enquadramento da história peninsular no contexto da história geral do mundo romano. Talvez o acervo de dados que houve preocupação de incluir peça, aqui e ali, uma visão de conjunto — será um aspecto eventualmente a rever em edições futuras.

É, portanto, este, um manual de divulgação que efectivamente fazia falta e que decerto muito interessará também aos estudiosos portugueses.

Contudo, o conhecimento da bibliografia portuguesa, mesmo da que vem citada, não será porventura muito profundo por parte dos autores. O que, de resto, se poderá compreender. Daí que o investigador-especialista se deva servir desta *Historia* apenas como duma pista de trabalho (importante).

Alguns pontos se poderão assinalar, mormente tendo em conta a bibliografia sugerida:

1) No tema «cerâmica e vidro» (p. 358-9) é apresentado somente um trabalho, e de ordem geral, sobre o vidro. Aliás, pelo índice da obra (não há o habitual índice por assuntos), torna-se difícil saber em que parte os autores tratam da indústria vidreira sob o domínio romano na Península. E hoje, ao falar dos vidros romanos da Península Ibérica, não se poderá esquecer o estudo das mais importantes colecções de vidros existentes em museus portugueses empreendido por Jorge e Adília Alarcão (dentre catorze trabalhos publicados de 1963 a 1974, citemos, como mais importante, *Vidros romanos de Conimbriga*, 1965).

2) No tema «Epigrafia», só duas obras portuguesas se citam: o *Catálogo do Museu Martins Sarmiento*, de Mário Cardozo, na sua edição de 1935 (a segunda, actualizada, data de 1972...), e a *Epigrafia de Olisipo*, de Vieira da Silva, de 1944. Esquecem-se, por completo, todos os trabalhos do Prof. Scarlat Lambrino, não só os de síntese como o catálogo de epigrafia do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (o maior núcleo português de inscrições); esqueceu-se *Egitânia* de D. Fernando de Almeida, cujas epígrafes são da maior importância para o estudo da onomástica lusitana (a obra é referida no tema *urbanismo...*).

Evidentemente, não pretendiam os autores — nem nós lhes poderíamos exigir — uma bibliografia completa. Mas é exactamente desse facto que resulta a necessidade de criteriosa selecção.

3) No respeitante à *Onomástica* e *Toponímia*, são bem citados os trabalhos de M. Lourdes Albertos, discipula de A. Tovar, seguramente uma das investigadoras que mais tem contribuído para o avanço do saber nesse domínio. Pena, por isso, que não tenha havido ocasião de incluir também a referência à sua 2.<sup>a</sup> série de «Nuevos Antropónimos Hispánicos» (*Emerita* XL, 1972, p. 1-29, 287-318). Nem se compreenderá também a não inclusão dos *Elementos de un Atlas Antroponímico de la Hispania Antigua*, de J. Untermann (Madrid, 1965), bem como de alguns dos importantes estudos do próprio Prof. Tovar.

4) A bibliografia sobre a religião na Península, mormente sobre as religiões indígenas, inclui *dezasseis* referências, sendo *sete* a trabalhos de Blázquez... Esquecem-se mais uma vez os artigos de Scarlat Lambrino: Blázquez conhece de sobejo a importância de «Le dieu lusitanien Endovellicus» (in *Bulletin des Études Portugaises...*, 15, 1951, p. 93-147) ou de «La Déesse Celtique Trebaruna» (ibidem, 20, 1958, p. 87-109). E as *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos?

Não serão graves estas falhas bibliográficas — mas denunciam de certa maneira a dificuldade encontrada para, em face da quantidade de informação a dar, se obterem seleccionados e em síntese os elementos que mais se adequassem a uma correcta perspectivação global.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

José VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana* — Antologia de 6800 textos — Barcelona, 1.<sup>o</sup> vol. 1971, 2.<sup>o</sup> vol. (índices) 1972.

Na introdução desta antologia — *ILER*, nas citações bibliográficas — J. Vives afirma que se propôs «reunir ordenadas sistematicamente quase todas as [inscrições] inseridas» no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II [CIL II], bem como «as que serão incluídas no outro volume de *Supplementum* que os continuadores do *Corpus* estão já a preparar» (p. 1).